



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A ESCOLA E A TRANSDISCIPLINARIDADE: UM CAMINHO POSSÍVEL NA CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA

Flávia Maria dos Santos Vasconcelos; Hugo Monteiro Ferreira

Universidade Federal Rural de Pernambuco - flaviamaria.sv@outlook.com ; hmonteiroferreira@yahoo.com.br

Resumo: Ao pensarmos a estrutura de nossa escola atualmente podemos nos perguntar se ela realmente ainda dá conta de trabalhar junto às demandas da sociedade contemporânea. A partir deste questionamento, o presente trabalho tem a intenção de fomentar a discussão acerca de um importante ponto que pode ser levantado para dar corpo ao debate: o desenvolvimento da resiliência dentro do ambiente escolar. Tomando o termo emprestado da física, a psicologia entende resiliência como a capacidade de adaptação dos indivíduos frente a situações adversas, sendo este um conceito que permeia todo o trabalho. Para desenvolver as perguntas aqui colocadas, traçamos o caminho tomando como base o pensamento de Boaventura de Sousa Santos e sua idéia de paradigma emergente, tratando a transdisciplinaridade como tal. Assim sendo, passamos também por Edgar Morin e a Teoria da Complexidade, bem como pelas discussões acerca da resiliência no ambiente escolar.

Palavras-chave: Resiliência, Transdisciplinaridade, Escola, Teoria da Complexidade.

1. Introdução

A era das informações, como também pode ser denominado nosso atual momento social é marcada pela rapidez com que tudo muda. O tudo a que me refiro aqui vai da validade de determinados conhecimentos aos sentimentos expressados pelas pessoas. São tempos líquidos, aos termos de Bauman, em que nada foi feito pra durar. A velocidade do consumo está diretamente relacionada à pressa com que as pessoas tem de viver tudo, da maneira mais hedonista possível. Angústia antes tão comum aos mais jovens hoje tornou-se quase uma patologia, sem idade específica.

A capacidade de adaptação do ser humano é uma de suas formas mais primitivas de sobrevivência. Mas a vida pós-moderna exige desse ser um constante exercício de renovação. Faz-se necessário lidar com certa aceleração no tempo, com um consumismo que beira o patológico,



com a rápida circulação do capital e tudo isso e mais um turbilhão de outros fatores acaba por transpor o surgimento de novos valores e preocupações para os indivíduos.

Georg Simmel, sociólogo alemão estudando a Berlin do final do século XIX, já conseguia perceber as mudanças de parâmetros sociais que a industrialização estava trazendo para a vida nas cidades. Em seu clássico “A metrópole e a vida mental”, mostra que para lidar com os novos estímulos, produtos da vida acelerada, os moradores das cidades grandes desenvolvem um comportamento peculiar aos moradores do meio rural e de cidades pequenas, a que chamou de “atitude *blasé*”. Para Simmel,

Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude *blasé*. A atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. (...) Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até o ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir. (SIMMEL, 1976)

Quase como um mecanismo de auto defesa na preservação de sua sanidade mental, os indivíduos acabam por se resguardar de estímulos exteriores, se afastando tanto quanto possível de emoções cotidianas. Formam-se personalidades um tanto quanto narcisistas, onde as pessoas adestram-se a apenas prestar atenção em seu círculo mais pessoal de convívio, ficando indiferente ao que não lhes diz respeito diretamente. A vida na metrópole, portanto, seria caracterizada pela multiplicidade de experiências vividas e pelo distanciamento total nas interações pessoais.

Um movimento que teve seu marco a partir da era industrial e que vem se renovando de diversas maneiras até os dias atuais. Vivemos numa sociedade tão apática que, especialmente na contemporaneidade, onde uma onda conservadora vem tomando conta do universo político (e como não poderia deixar de ser, também do social) de forma tão avassaladora, tornou-se essencial pensar maneiras de minimizar os males próprios desses tempos.

Deste modo, intentamos aqui pensar o conceito de resiliência como uma possível forma de apoio no enfrentamento dos problemas vivenciados na atualidade. Acreditamos que uma escola que preze a sólida formação de um sujeito resiliente cumpre com o seu papel pedagógico e, portanto, é nesse espaço que o presente trabalho está centrado. Utilizaremos a transdisciplinaridade como um conceito chave na construção deste caminho.



2. Metodologia

O presente trabalho origina-se de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema “resiliência na escola”. Entendendo que nosso atual modelo escolar não mais comporta as demandas da sociedade contemporânea, intentamos fomentar a discussão acerca do desenvolvimento da resiliência em ambiente escolar. Para tal, analisamos através de Boaventura de Sousa Santos a emergência de um novo paradigma científico, aqui representado pela transdisciplinaridade, acreditando ser este um caminho possível para a construção de um novo modelo escolar.

Se tratando de uma pesquisa de natureza teórica, o método aqui utilizado terá cunho predominantemente bibliográfico, com revisão da literatura existente sobre o tema. Sendo um tema novo e com pouca bibliografia sobre o recorte, utilizaremos estudos individuais, coletivos e leitura de textos teóricos. Os instrumentos de coleta de dados foram resumos, fichamentos e artigos, boa parte encontrados mediante pesquisas online sobre o tema. Os dados coletados serão analisados a partir de reflexões teóricas sobre a própria teoria apresentada, ainda se encontrando em sua forma preliminar, mas com uma sólida intenção de desenvolvimento.

3. Resultados e Discussão

3.1 A Ciência Moderna e a Transdisciplinaridade

Boaventura de Sousa Santos, em seu clássico Discurso sobre as Ciências (2010), nos dá um claro panorama sobre a atual situação social e científico-política em que estamos submersos. Vivenciamos um período em que a total imersão tecnológica não só é possível como estimulada. Atualmente o mundo gira em torno da tecnologia de maneira que não há como se dissociar dela nem nas mais simples tarefas do dia. Isso nada mais é do que uma nítida expressão do alcance da ciência na contemporaneidade.

É seguro afirmarmos que esse avanço científico e tecnológico ilimitado, que perpassa de guerras nucleares e catástrofes ambientais a avanços na medicina e na qualidade de vida de forma geral, protagoniza um enorme paradoxo moderno. Boaventura afirma que tal paradoxo é típico de tempos de transição, que para ele está aqui expressa como o fim de uma hegemonia na ordem científica. Ele acredita na existência de um paradigma dominante baseado na racionalidade, que permeia todo o modo de fazer ciência da modernidade. Inicialmente centrado nas ciências naturais,



esse modelo de racionalidade científica, posteriormente, atinge as ciências sociais e torna-se um modelo global.

Esse paradigma dominante aceita apenas um modo de conhecimento tido como verdadeiro. A partir do momento que esse conhecimento começa a ser questionado em suas mais diversas áreas e da constante industrialização da ciência, o paradigma dominante entra em crise e dela surge um novo paradigma, ao qual Boaventura chama de “o paradigma emergente”. Ele propõe que essa nova configuração se dê ao redor de um paradigma de conhecimento prudente, que vise também o social, sendo certo que toda essa situação se da em uma sociedade revolucionada pela ciência.

Entre outras coisas, a pós-modernidade traz consigo a certeza de que uma visão cartesiana do mundo e da ciência não mais faz sentido. As profundas mudanças que ocorreram a nível mundial no último século vieram acompanhadas de uma visão mais apurada, tornando óbvio que uma simples revisão de doutrinas e métodos não da conta de preencher as conseqüentes necessidades desse tempo. Faz-se necessária a elaboração de uma nova concepção, de mundo e de conhecimento.

Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, propõe que, no lugar da especialização e da fragmentação dos saberes, atentemos para uma visão mais ampla das situações, a qual chamou de Teoria da Complexidade (2013). Esta teoria só pode ser entendida a partir de um sistema de pensamento aberto, inclusivo e flexível, ao qual podemos chamar de pensamento complexo. Aceitando essa lógica, nos colocamos diante de uma nova maneira de enxergar o mundo, uma visão que está centrada em compreender as mudanças contínuas do real, que não nega as incertezas e a multiplicidade, acolhendo-as e convivendo com elas de forma holística.

Acredito que faz-se desnecessário ressaltar a importância da maneira como enxergamos as situações. É a partir da nossa “visão de mundo” que o concebemos e interpretamos, tanto para compreendê-lo quanto para transformá-lo. Perceber que o que para nós pode ser entendido como “realidade” nada mais é do que o que nosso olhar nos permite atingir a consciência do outro, de outros olhares, de outras vivências, de outros saberes. É dessa maneira, desfragmentando saberes, que o pensamento complexo se propõe a fazer uma articulação dos pares binários e da conectividade desses saberes.

A idéia de transcender essa lógica da não contradição, tão própria da ciência moderna, é a tarefa que a transdisciplinaridade se dispõe a fazer. Diferente da ciência positivista, a transdisciplinar tem como um de seus princípios base a aceitação do terceiro termo incluído,



admitindo que há, em algum nível de realidade, a possibilidade de aniquilação da lógica binária, fazendo com que “é” e “não é” estejam juntos como um só, sem se configurar como uma contradição. Basarab Nicolescu, um dos principais teóricos dessa corrente, trazia a idéia de que

Ao articular, o terceiro termo incluído sempre leva a outro nível de realidade, diferente do nível anterior da lógica da não contradição, abrindo a possibilidade de uma nova visão da realidade. (SANTOS, 2009)

Ao pensarmos na riqueza teórica que esse axioma nos proporciona, entenderemos que a questão é ainda mais profunda. A transdisciplinaridade, enquanto ciência, admite que não há uma verdade absoluta, “mas verdades sempre relativas e passíveis de mudanças no decorrer do tempo” (Santos, 2009). Isso, por si só, já representa uma quebra com tudo o que nos é passado como ciência a vida inteira. Levando em consideração que a intenção da transdisciplinaridade é estimular uma nova compreensão da realidade, podemos dizer com segurança que ela não pretende se sobrepor a nenhum outro modo de construção de conhecimento, mas surge como uma alternativa à quantidade de temas que não mais são suportados pela lógica clássica.

A pós-modernidade trouxe consigo vários novos problemas, várias outras visões de mundo e diferentes possibilidades de troca entre os indivíduos, criando toda uma nova gama de conflitos, positivos e negativos. As Ciências Sociais e Humanas ganharam diversos novos temas para estudo, sendo alguns tão complexos que tornou-se inviável utilizar os velhos métodos de análise. Essa metodologia transdisciplinar abraça a complexidade, dando uma sólida base científica com o rigor necessário para que o entendimento das situações se construa da maneira mais abrangente o possível.

A transdisciplinaridade pode e deve ser entendida como uma postura de respeito à diversidade cultural, visando a solidariedade e, de maneira mais ampla, a integração com a natureza. Ela enxerga cada sujeito como portador e produtor de conhecimento e não hierarquiza as diferentes formas de saber. Um dos maiores desafios nesse cenário é trabalhar essa perspectiva na escola, levando-a desde cedo às crianças e adolescentes para que uma nova forma de construir conhecimento se ramifique e se fortaleça. Porém, uma vez vencido, teremos criado uma geração com mais sensibilidade e empatia, de forma que o enfrentamento dos problemas, pessoais e sociais, ocorrerá de maneira muito mais eficaz.



3.2 Resiliência: uma nova maneira de educar

A atitude blasé, comentada acima, nada mais é do que uma fuga do consciente. Vivemos num tempo de rápidas mudanças, sejam elas sociais, políticas, culturais ou tecnológicas, e isso exige de cada indivíduo uma capacidade de adaptação mais efetiva do que há tempos atrás. Um dos maiores paradoxos dessa geração é ter a consciência de que se precisa fazer algo para salvar o mundo ao mesmo tempo em que consumimos desenfreadamente tudo que o faz morrer.

A sociedade contemporânea acaba por nos impor algumas agressões (especialmente contra nós mesmos) e faz-se necessário desenvolver certos mecanismos de auto-proteção. Isso é claro para Melillo (2005), que afirma que

os problemas da sociedade atual dificultam e impedem a satisfação das necessidades básicas e colocam o sujeito, com frequência, em situações de deterioração e isolamento, com a sensação de impotência para enfrentá-los e tentar resolvê-los. A sociedade é percebida como um lugar cada vez mais inóspito, o “outro” pode ser visto como um inimigo potencial e os laços de desconfiança se instalam nas relações sociais (...). (MELILLO, 2005)

Resiliência, um termo próprio da física, significa a capacidade que um corpo tem, ao passar por uma situação de deformação, de conseguir se regenerar e voltar à sua forma normal. Para a psicologia o termo é utilizado para demonstrar como um indivíduo consegue lidar com seus problemas e resolve-los sem deixar que, ainda que imerso numa situação estressante, esse fato o faça entrar em surto. Ela é, portanto, um mecanismo interno de auto-regulação, que todos temos, mas alguns desenvolvem de maneira mais eficiente do que outros.

O ser humano está constantemente sendo confrontado por situações de mudanças, o que exige dele uma maior flexibilidade cognitiva para que a adaptação aconteça de forma saudável. Diante da importância de tal característica, podemos nos perguntar como podemos desenvolver resiliência de maneira que nos ajude nos processos do desenvolvimento humano com todas as demandas da sociedade contemporânea.

É pensando na gênese desse problema que nos voltamos para a escola. Caracterizando-se por ser o primeiro espaço onde há um contato direto da criança com a comunidade e configurando-se como um microcosmo social, a escola é palco de anos decisivos no desenvolvimento e na



constituição cognitiva das pessoas. Nesse cenário, o professor tem o papel de mediador, já que é ao mesmo tempo (idealisticamente) uma figura de autoridade e alguém que inspira confiança, como um adulto cuidador fora do âmbito doméstico.

Podemos afirmar que “o processo de educação e motivação dos adolescentes liga-se, diretamente, à confiança atribuída ao mestre” (Vargas, 2009). Não estou aqui defendendo uma postura autoritária e que faça, de alguma maneira, menção a uma hierarquização de conhecimentos, colocando o aluno num patamar mais baixo que o professor. Trato da ligação de cuidado e compromisso, no campo da afetividade, onde este vínculo, quando presente, faz toda diferença no desenvolvimento dos processos cognitivos de crianças e adolescentes.

Ao tentarmos trazer a discussão para o campo das emoções, rompendo essa dicotomia entre cognição x afetividade em que nosso sistema escolar está fundado, estamos um passo mais perto de construir uma educação para a resiliência. Arantes (2002) defende

a idéia de que tais conteúdos relacionados à vida pessoal e à vida privada das pessoas podem ser introduzidos no trabalho educativo, perpassando os conteúdos de matemática, de língua, de ciências, etc. Assim, o princípio proposto é de que tais conteúdos sejam trabalhados na forma de projetos que incorporem de maneira transversal e interdisciplinar os conteúdos tradicionais da escola e aqueles relacionados à dimensão afetiva. (ARANTES, 2002)

Essa proposta, que inicialmente pode ser lida como inviável, faz muito sentido se pensamos a educação através de uma ótica transdisciplinar. Se pensarmos o currículo escolar como é construído hoje, percebemos facilmente que o mesmo visa a absorção de conhecimento de forma fragmentada e que apenas serve para passar de ano ou adentrar numa universidade. Ao introduzirmos conteúdos que efetivamente nos faça pensar as questões de conflito com as quais nos deparamos no dia-a-dia, estaremos criando um ambiente seguro para a reflexão e resolução de problemas. E a transdisciplinaridade é o modelo pedagógico que comporta a discussão desses temas transversais.

4. Considerações Finais



A cada dia que passa fica mais claro que a lógica clássica da ciência não mais comporta a complexidade dos temas atuais. Não há mais como analisar determinados temas baseados na dualidade entre certo e errado. O desprendimento dessa visão mecanicista não é fácil, pois já vem bem consolidada há séculos, o que não significa que não seja passível de mudança.

A idéia de uma educação transdisciplinar que vise a construção da resiliência de sujeitos escolares já mostra uma quebra total nessa visão positivista da ciência. A escola que trabalhe a resiliência não a faz sozinha: de uma maneira bem transdisciplinar, essa escola precisa estar em rede com pais e membros da família do aluno, na intenção de construir um sentido de comunidade dentro da escola, bem como nesta família.

Com a crença de que emoção e cognição são temas indissociáveis, entendemos que recorrer a transdisciplinaridade para a construção de uma educação para a resiliência, se constitui um caminho seguro e possível. Sem dúvida, uma empreitada que exige coragem e discernimento, especialmente dos profissionais de educação envolvidos, pois precisarão se aventurar em um novo campo, por muitos ainda bem desconhecido, que vai lhes exigir uma disponibilidade de desprendimento com os saberes já instituídos.

Uma vez vencido esse desafio, estaremos com a certeza de que a escola cumprirá seu papel pedagógico, afirmando-se como um espaço de promoção de cuidado, resiliência e perpetuação dos diversos saberes.

5. Referências Bibliográficas

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação.** Publicado originalmente em OLIVEIRA, M. K ; TRENTO, D.; REGO, T. (org). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002. Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur23/valeria.htm>>

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade.** Portugal, Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994. Disponível em: <http://www.gthidro.ufsc.br/arquivos/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf> .

Acessado em 18 de julho de 2016.



MELILLO, A. Resiliência e Educação. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 87-101.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios**. In ALMEIDA, M.C. e CARVALHO, E.A. (org.). 6.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo. **Complexidade e Transdisciplinaridade: em busca da totalidade perdida**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010. 59p.

SIMMEL, G (1976). **A metrópole e a Vida Mental**. In Velho, O (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, pp.11/25.

VARGAS, Cláudio Pellini. **O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola**. Revista Espaço Acadêmico, Nº 101. Outubro de 2009. ISSN 1519-6186. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>>